

CIÊNCIA GERANDO RENDA NO AGRO

Roberto Rodrigues*

Com ou sem pandemia, a Academia brasileira ligada ao setor agropecuário continua trabalhando. O governo paulista e a Fapesp lançaram uma chamada de propostas conhecida como “Ciência para o Desenvolvimento”, de grande importância para agricultura, mas também para outras áreas, como saúde, energia, segurança e desenvolvimento econômico. Cada uma das propostas, elaboradas em conjunto por diversas instituições acadêmicas trabalhando em rede (cada qual contribuindo com sua especialidade), dará origem a um Núcleo de Pesquisa Orientada a Problemas (NPOP), com participação também da iniciativa privada, até porque o objetivo final dos trabalhos é “transformar ciência em dinheiro”. Aqui está um ponto de destaque desse novo modelo: o que se objetiva é que a pesquisa e o desenvolvimento resultem em investimentos lucrativos para empreendedores brasileiros, eventualmente substituindo insumos importados por produção nacional.

E uma das instituições que se articulam com os projetos para o agro é a Fundação Shunji Nishimura de Tecnologia (FSNT), nome do célebre fundador da Jacto, em Pompeia.

Um NPOP já formado com esse propósito de transformar conhecimento em negócio, é a Plataforma Biotecnológica Integrada de Ingredientes Saudáveis, liderada pelo ITAL, pela Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp, e pela Escola de Engenharia de Lorena, da USP, mas trazendo a bordo instituições como o IAC, o IEA e a UNESP. E a ideia é produzir ingredientes nacionais a partir de resíduos do nosso agro, para substituir os importados, que são utilizados indústria de alimentos e bebidas, no lugar de gorduras e açúcar e para adição de fibras, proteínas, antioxidantes e probióticos. O mercado consumidor está buscando saudabilidade e melhor teor nutritivo nos alimentos. Há um grande potencial para empresas produtoras desses ingredientes a partir dos resíduos de nosso agro, com destaque para laranja, soja, café, milho, feijão, amendoim, banana, sorgo e muitos outros, inclusive visando ao mercado externo. Basta lembrar que a indústria de alimentos e bebidas já responde por quase 10% do PIB nacional, crescendo cerca de 6,8% ao ano, gerando milhares de empregos sustentáveis, para se ter uma ideia dos impactos sociais e econômicos que esse Núcleo deverá gerar.

Outro NPOP em andamento é a Plataforma Integrada de Bioprodutos para a Agricultura Tropical. Desta vez estão no projeto o Instituto Biológico, a FATEC de Pompeia, a Faculdade de Agronomia da UNESP de Botucatu, o IEA, a UNIARA e também a FSNT. A ideia é aplicar tudo o que já se pesquisou na área de controle biológico de pragas e doenças, em biofertilizantes, bioestimulantes, e métodos de sua aplicação e monitoramento. Há um enorme potencial nesse segmento, e novas empresas poderão desenvolver produtos destinados a agricultura com reduzido impacto ambiental. Isso agrega sustentabilidade à produção rural, fator hoje determinante para a competitividade. Como podemos produzir duas ou até três safras por ano, é claro que isso favorece a proliferação

de pragas e doenças, e o projeto busca mitigar tal fato com micro-organismos e inimigos naturais.

A ciência, assim como o agro, também não para!

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Titular da Cátedra de Agronegócios da USP.**